

A influência do Líder Religioso no Comportamento Eleitoral.

Pereira de Souza Julio Cesar.

Cita:

Pereira de Souza Julio Cesar (2010). *A influência do Líder Religioso no Comportamento Eleitoral*. V Congreso Latinoamericano de Ciencia Política. Asociación Latinoamericana de Ciencia Política, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-036/763>

JULIO CESAR PEREIRA DE SOUZA
EMAIL: JULIOCONTATO@YAHOO.COM.BR

VOTO: UMA OFERTA DE FÉ
A influência do líder religioso no processo eleitoral

RESUMO

A forma de fazer política nas Igrejas no Brasil foi modificada consideravelmente devido ao crescimento das denominações evangélicas. As Igrejas “neopentecostais”, surgidas em meados dos anos 70, são as que mais cresceram e hoje são “comunidades” fortemente disputadas pelas lideranças políticas por representar uma parcela significativa do eleitorado nacional. Considerando a problemática do carisma, do capital simbólico, ou seja, da influência do líder religioso, estudamos o comportamento eleitoral das campanhas para deputados estaduais e federais na Igreja Internacional da Graça de Deus de 1998 a 2006 abordando a transformação de seus membros em eleitores fiéis e em militantes. Para tanto, analisamos as diretrizes do discurso usado pela liderança da Igreja no processo de persuasão eleitoral; o material midiático; a logística da campanha e a participação dos membros neste processo.

Palavras-Chave: Eleições; Comportamento Eleitoral; Religião; Lideranças Evangélicas.

Introdução

A participação direta dos evangélicos brasileiros na política partidária se deu de forma significativa a partir do surgimento dos chamados “Políticos de Cristo”, segundo Mafra (MAFRA, 2001).

Ainda de acordo com Mafra (MAFRA, 2001), a maior parcela dos “Políticos de Cristo” eram políticos da Igreja Universal do Reino de Deus, a outra parcela provinha da Assembléia de Deus, entre outras, como, por exemplo, Igreja do Evangelho Quadrangular.

A Igreja Internacional da Graça, a qual se constitui agora em meu objeto de estudo, viria a ingressar na disputa eleitoral somente 16 anos depois quando o Missionário R.R. Soares apoiou as campanhas eleitorais de 2002.

Segundo Rudi (RUDI, 2006), “o reflexo desse aumento da população é visível no número de deputados evangélicos presentes na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo”.

Durante as minhas observações, enquanto eu trabalhei em algumas campanhas eleitorais, eu pude notar que antes do crescimento vertiginoso das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, a política era feita nas igrejas de uma forma disfarçada e que os preconceitos em relação ao envolvimento dos crentes na política partidária e na política como um todo eram muitos e pareciam intransponíveis em um curto espaço de tempo.

Entretanto, o crescimento das denominações evangélicas modificou de forma considerável o paradigma de fazer política nas Igrejas no Brasil. Segundo o IBGE, existem hoje no país aproximadamente quarenta milhões de evangélicos, que tiveram crescimento em torno de 20% no último ano.

As igrejas “neopentecostais”, igrejas surgidas em meados dos anos 70 e início dos anos 80, como a Igreja Internacional da Graça, por exemplo, foram as que mais cresceram e atualmente são “comunidades” fortemente disputadas pelas lideranças políticas do país, uma vez que representam uma parcela significativa do eleitorado nacional. O eleitorado formado por membros da Igreja Internacional da Graça de Deus apresenta características diversas em relação ao eleitorado que não professa a fé evangélica (FREESTON, 1993).

Uma pesquisa denominada “Estudo Eleitoral Brasileiro”, de 2002, confirma tal afirmação ao mapear o avanço das religiões sobre os domínios da política, mostrando

que o diferencial entre eleitores evangélicos em relação aos católicos e espíritas, por exemplo, é a mobilização dos líderes religiosos evangélicos, visando à promoção dos candidatos que eles apóiam.

Tal mobilização se dá através do prestígio que tais líderes gozam diante dos fiéis de suas igrejas. Esse prestígio é o que Weber (WEBER, 1995) chama de “Dominação Carismática” e algo similar ao que Bourdieu (BOURDIEU, 2000), por sua vez, chama de “Capital Simbólico”.

Contudo, vale salientar que dominação carismática e capital simbólico não são os mesmos conceitos, mas conceitos distintos, de autores distintos e formulados em contextos históricos diferentes para responder a questões sociológicas explicando fatos sociais.

Considerando a questão do capital simbólico, ou seja, da influência do líder religioso na igreja, essa pesquisa abordou o comportamento eleitoral no Ministério da Igreja Internacional da Igreja da Graça de Deus. O objetivo foi estudar e compreender a influência do líder religioso sobre os fiéis no que concerne ao comportamento eleitoral, explicar como ocorre o processo de transformação dos membros da igreja em eleitores e em militantes dos candidatos indicados pela liderança da igreja e analisar as diretrizes do discurso usado neste processo de persuasão eleitoral no qual o líder cria condições favoráveis à eleição dos candidatos de sua escolha.

Para tanto, foi observado como se deu o discurso dos pastores nas igrejas em prol dos candidatos; todo o material midiático; a logística da campanha; verificar, através da pesquisa, o envolvimento dos membros no processo eleitoral em 2006.

As questões principais que propomos responder são as seguintes:

- Se e como as lideranças religiosas das sedes regionais nas quais a Igreja Internacional da Graça está dividida no Estado de São Paulo influem sobre a decisão de voto dos membros da igreja e frequentadores de seus cultos.
- Como os eleitores membros e frequentadores dos cultos e eventos realizados pelas lideranças em comento decidem seus votos?
- Como e por que a Igreja Internacional da Graça mudou a sua posição de igreja com lideranças apolíticas ou sem inserção na política institucional, para uma posição de participação na política partidária promovendo campanhas eleitorais e elegendo representantes?

- Como e por que os líderes religiosos convencem os membros da igreja a se tornarem militantes em prol dos candidatos apoiados pelas lideranças da igreja?
- Qual é a percepção dos membros da igreja a respeito da importância dada pelos líderes religiosos à necessidade de elegerem representantes fiéis aos interesses da igreja?
- Como se dá o processo de recrutamento dos candidatos pelos líderes religiosos das sedes regionais?

Respondemos a essas questões realizando uma série de entrevistas com os Pastores e membros das sedes regionais paulistas, inclusive, com o Missionário Soares líder maior da Igreja da Graça.

Verificamos se os estudos efetuados anteriormente ao meu deixou lacunas na explicação dos fenômenos políticos relacionados à Igreja Internacional da Graça.

Elaboramos uma revisão bibliográfica a respeito da temática da influência dos líderes carismáticos das supracitadas sedes regionais sobre seus liderados no que se refere ao comportamento desses como eleitores e na transformação dos membros das igrejas em militantes dos políticos da confiança dos líderes supracitados.

Elaboramos um levantamento dos dados referentes à campanha eleitoral e aos materiais (aqui foi incluído o discurso utilizado, propaganda política e os materiais distribuídos nas igrejas e eventos evangélicos) Tais dados foram dispostos sob forma discursiva e também por meio de gráficos visando à uma melhor compreensão.

A estruturação dos questionários foi de tal forma que abordou todos os temas necessários para a conclusão desta pesquisa. Vale salientar que, no que tange à forma como elaboramos as entrevistas, utilizaremos o método aconselhado por Thompson (THOMPSON, 1992) que permite que a pessoa entrevistada responda sem constrangimento, cansaço, considerando fatores muito importantes como a idade, por exemplo. Portanto, utilizamos questionários semi-estruturados, os quais foram previamente formulados.

A análise de Silveira (SILVEIRA, 1998) nos mostra que os modelos de explicação do voto que foram freqüentemente usados nas últimas décadas visaram a objetivos que não levaram em conta a dimensão simbólica da escolha eleitoral. Silveira ressalta que o modelo de identificação partidária que a equipe do Survey Research Center of Michigan desenvolveu, demonstra que nas motivações das preferências por um partido ou por outro, pode-se encontrar elementos de natureza simbólica que são elementos fundamentais no que concerne ao processo de definição das opções.

Segundo Silveira (SILVEIRA, 1998), há autores, como, por exemplo, Elster, Becker e Harsanyi (ELSTER; BECKER; HARSANYI, 1986), que contrariam a teoria da Escolha Racional, de Downs (DOWNS, 1999), pois eles admitem que existam motivações de natureza extra-rationais, como, por exemplo, os sentimentos, as emoções e normas sociais como variáveis imprescindíveis no que tange à orientação do comportamento político e eleitoral.

Silveira (SILVEIRA, 1998) remonta a Weber (WEBER, 2003) para abordar à problemática do carisma, da dominação carismática. Essa perspectiva é fundamental em nossa discussão porque estamos tratando da influência de um líder religioso, no caso o Missionário R.R. Soares e os pastores que estão subordinados a ele no Ministério da Igreja Internacional da Graça de Deus.

A escolha por meio dos atributos simbólicos dos candidatos apresenta diferenças em relação à identificação carismática que o conceito weberiano indica. Em nosso caso, o eleitor não estabelece uma relação de adoração ao líder, ou seja, ele não o vê como um deus vivo, mas segue as orientações de voto nos pleitos em que ele não é o candidato.

Ao analisar o discurso dos líderes religiosos, constatamos que ele se deu de forma a correlacionar os candidatos com personagens bíblicos que exerceram funções políticas, como, por exemplo, José, que governou o Egito, ressaltando a importância de tais candidatos possuírem o aval da liderança da Igreja.

Constatamos também, nos eventos promovidos pela Igreja, que os fiéis optavam por votar nos candidatos a deputado estadual e federal indicados pela liderança da Igreja como se ele, os fiéis da igreja fossem votar no próprio líder.

1. A Presença do Protestantismo no Brasil: da estratégia da não-participação na Política Institucional às “Banca das Evangélicas”

O Catolicismo se manteve como a religião oficial do Brasil até a chegada da Família Real ao país, em 1808. Rudi (RUDI, 2006) afirma que: “muitos ingleses anglicanos vieram juntamente com a comitiva real”.

Essa presença dos ingleses anglicanos no Brasil teria, segundo Rudi (RUDI, 2006), obrigando a Corte do Império Brasileiro “a criar uma legislação que permitisse o culto de outras religiões ainda que de forma restrita e privativa, inclusive no tocante à aparência do templo”.

Mais cidadãos protestantes chegaram ao Brasil em anos posteriores: luteranos, da Alemanha, Puritanos, da Inglaterra, e mais tarde, metodistas, batistas e presbiterianos dos Estados Unidos, principalmente do sul do país depois da derrota dos sulistas para os ianques na Guerra de Secessão.

Em 1910 surge, vindo dos Estados Unidos, uma nova vertente do protestantismo. Foi o chamado pentecostalismo.

O pentecostalismo teve no Brasil três importantes momentos que são denominados de ondas por Freston (FRESTON, 1994).

A primeira onda é chamada de pentecostalismo clássico e ocorreu entre 1910 a 1950.

Esse período é marcado pela fundação, em São Paulo, da Congregação Cristã no Brasil e da Assembléia de Deus, no Pará. É importante ressaltar que a diferença entre os protestantes históricos e os pentecostais surgiu depois da fundação da igreja pentecostal Assembléia de Deus.

Ambas se caracterizaram por apresentar um elevado grau de anticatolicismo, dom das línguas estranhas, sectarismo radical e ascetismo.

A segunda onda de protestantismo no Brasil é denominada de pentecostalismo neoclássico e começou a partir de 1950 com a chegada de dois missionários dos Estados Unidos que criaram a Cruzada Nacional de Evangelização com base na cura divina e utilizando o rádio como meio de comunicação para se comunicarem com as massas.

Os evangélicos brasileiros ainda não usavam o rádio para pregar o evangelho devido ao sectarismo ao qual estavam apegados.

Essa Cruzada Nacional de Evangelização fundou novas igrejas com as dissidências surgidas dentro de outros movimentos religiosos. A partir de então foram fundadas a Igreja do Evangelho Quadrangular no ano de 1951, em São João da Boa Vista, no Estado de São Paulo; a Igreja Brasil para Cristo (São Paulo, 1955); Deus é Amor (São Paulo, 1962); a Casa da Bênção (Minas Gerals, 1964) e muitas outras que davam mais importância à cura divina e o uso da tecnologia nos cultos e à propagação do evangelho visando à conquista de novos adeptos.

Segundo Almeida:

A literatura sobre o tema costuma organizar a expansão do pentecostalismo em três momentos. O primeiro deu-se com a chegada em São Paulo, em 1910, de um missionário presbiteriano italiano que conheceu o recém-nascido pentecostalismo nos Estados Unidos e fundou a Congregação Cristã do Brasil no bairro do Brás; e a vinda de missionários suecos para Belém do Pará, em 1911, também via Estados Unidos, que fundaram a Assembléia de

Deus. O segundo momento refere-se ao surto de expansão nos anos 50, sobretudo com a Cruzada Nacional de Evangelização, também vinda dos Estados Unidos e liderada pela Igreja do Evangelho Quadrangular, que gerou posteriormente as igrejas Deus é Amor e o Brasil Para Cristo. O terceiro momento, também chamado de neopentecostalismo, ocorreu como um processo autóctone a partir do final dos anos 70, do qual surgiram a Igreja Universal, a Internacional da Graça do Reino de Deus, a Renascer em Cristo, dentre outras. Creio que o importante a reter é que se o pentecostalismo é um fenômeno planetário, o Brasil se tornou um pólo emissor dessa religiosidade para outras partes do mundo, sobretudo África, América Latina e mais timidamente para Europa e os próprios Estados Unidos. (ALMEIDA, 2009).

Agora que já realizei uma breve retrospectiva histórica do protestantismo no Brasil ao falar das ondas de que nos fala Freston (1994), passo para uma definição do que é o pentecostalismo para que o leitor possa entender, a partir dessa definição, o que significa o termo neopentecostalismo. É importante definir logo esses conceitos porque vamos trabalhar o tempo todo com essas classificações, quais sejam, pentecostalismo, neopentecostalismo, em especial, a do neopentecostalismo, pois meu objeto de estudo, a saber, a Igreja Internacional da Graça, é uma denominação que os autores de Sociologia da Religião e Antropologia da Religião classificam de “igreja neopentecostal”.

Na verdade, essas categorias são categorias nativas, como dizem os sociólogos, especialmente os antropólogos, isto é, foram criadas pelos próprios evangélicos, e não pelos cientistas sociais.

Pois bem, partamos para a definição dos termos em comento.

Então, o que é Pentecostalismo?

Segundo o pesquisador Washington Luís Peixoto Vieira:

O “Pentecostalismo é como se chama a doutrina de determinados grupos religiosos cristãos, originários no seio do protestantismo, que se baseia na crença do poder do Espírito Santo na vida do crente após o Batismo do Espírito Santo, através dos Dons do Espírito Santo, começando com o dom de línguas (glossolalia).”

Buscando explicações no Novo Testamento, particularmente no Ato dos Apóstolos, o pentecostalismo atual origina-se em 1901 no Colégio Bíblico Betel, em Topeka, no Estado do Kansas, quando a Sra. Agnes Ozman teria recebido do “dom de línguas” após a imposição das mãos do Pastor Charles Fox Parham. Ou seja, Agnes começou a falar línguas “estranhas” ao ouvido e à compreensão dos demais, surgindo dúvidas se aquelas línguas expressadas pela “irmã” eram línguas existentes (xenoglossia) ou desconhecidas (glossolalia). O movimento pentecostal toma fôlego nos Estados Unidos a partir de 1906 em Los Angeles. Era um fenômeno religioso novo no cenário protestante. A grande repercussão destes “fenômenos” teve muito sucesso a partir desse momento nos Estados Unidos, formando-se grupos religiosos e igrejas independentes com essa espiritualidade. (VIEIRA, 2009).

No que concerne ao movimento pentecostal no Brasil, Vieira (VIEIRA, 2009) salienta que:

No Brasil esses movimentos religiosos pentecostais foram chegados a partir de 1910. E a partir de 1911 Daniel Berg e Gunnar Vingren fundaram na Amazônia e no Nordeste o que seria posteriormente a Assembléia de Deus. Esses movimentos pentecostais protestantes terão três etapas de desenvolvimento: a) De 1910-1950 - Assembléia de Deus e da Congregação Cristã no Brasil até sua difusão pelo território nacional. As duas igrejas caracterizam-se pelo anticatolicismo, pela ênfase na crença no batismo no Espírito Santo e por um ascetismo que rejeita os valores do mundo e defende a plenitude da vida moral e espiritual; b) De 1950 a 1970 – Com o surgimento de vários outros movimentos e “igrejas” utilizando-se largamente o rádio e atuando nas periferias das grandes cidades; e c) A partir de 1970, com a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus. (VIEIRA, 2009).

1. 2. O ingresso dos protestantes, dos pentecostais e dos neopentecostais na Política Institucional no Brasil

Foi somente ao final da República Velha, nos anos 30, que os “políticos evangélicos” ingressaram na Política Institucional no Brasil, como podemos comprovar através da obra de Leonildo Campos sobre o comportamento político de protestantes históricos e dos pentecostais em nosso país (CAMPOS, 2005).

Se fizermos as contas concluiremos que os evangélicos brasileiros permaneceram quase 130 anos afastados da política institucional.

A explicação para esse não-envolvimento de forma direta com a Política Institucional seria, segundo a literatura, o fato de que a meta dos protestantes históricos era a de envidar todos os seus esforços no combate ao catolicismo que, como nos mostra Mafra (MAFRA, 2001) era visto pelos missionários protestantes norte-americanos como uma religião de pessoas que careciam de receber a mensagem do “Evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo”, pois os católicos eram pessoas pagãs e o dever dos missionários era, de acordo com o Destino Manifesto, a doutrina dos presbiterianos, batalhar pela conversão deles ao protestantismo.

Até ao final da década de 1980, a posição da maioria das igrejas protestantes era de absenteísmo social e político, ainda que com uma rígida postura anticomunista e de apoio ao regime militar instalado no Brasil em 1964.

De acordo com Rudi (RUDI, 2006), os políticos evangélicos neopentecostais apareceram na sociedade brasileira e, principalmente, nos meios de comunicação de

massa, durante os trabalhos da Constituinte em 1988 quando eles se apresentaram como “uma bancada de políticos evangélicos” que defendia interesses morais com base em uma conduta orientada por princípios cristãos.

“A Mídia muito publicou sobre a bancada evangélica, carregando sempre valores que são inerentes à questão religiosa, de acordo com o ponto de vista de quem observa” (RUDI, 2006).

Muitos autores da área de Sociologia Política, Sociologia da Religião e da área de Antropologia Política e antropologia da Religião vêm observando e apontando com acentuado destaque o crescimento da participação dos evangélicos pentecostais e neopentecostais na Política Institucional.

Para Baptista (BAPTISTA, 2008), os neopentecostais estão conquistando espaço na Política Institucional:

As igrejas Universal e Assembleia de Deus souberam aproveitar seus modelos autoritários como instrumento para conquistar votos juntos aos fiéis e implantar um regime de disciplina e hierarquia nas suas bancadas, tirando a autonomia de seus pares no Legislativo”. (BAPTISTA, 2008).

Baptista revela, segundo uma matéria da revista Fapesp on line, edição de julho do corrente ano que: “escândalos de corrupção, como, por exemplo, o “mensalão” chocaram alguns fiéis que reagiram e diminuíram as votações para os “candidatos oficiais” das igrejas”. (BAPTISTA, 2009).

Na entrevista a essa revista Baptista afirma que:

Ao ingressarem de forma corporativa na política as igrejas adotaram o comportamento populista de manobrar fiéis para ganhar votos, e a presença dessas corporações no espaço público tem repetido vícios da cultura política nacional, não enfrentando questões sociais, remetendo-os ao mundo das causas sobrenaturais. (BAPTISTA, 2009).

E Baptista continua: “É o popular “irmão vota em irmão” que permitiu à “bancada evangélica” espaço para exercitar um perfil político fisiológico”. Para Rudi (RUDI, 2006), foi a “bancada evangélica” o que levou os neopentecostais à política.

O envolvimento dos evangélicos no campo da Política Institucional ou da política Partidária se deu em três ondas distintas, para tomarmos emprestado um termo de Freston (FRESTON, 1994) ou de Huntington (HUNTINGTON, 1991).

A primeira onda de envolvimento dos evangélicos no campo da Política Partidária se deu de 1930, quando eles ingressaram na Política Institucional, até 1964, ano do Golpe Militar.

Os políticos dessa onda eram membros ou lideranças (pastores, bispos presbíteros e etc) das denominações protestantes históricas, ou seja, da Igreja Metodista, Batista, Luterana e Presbiteriana, principalmente Presbiteriana Independente.

Ocorreu que os pentecostais eram formados por grupos de pessoas muito pobres sem capital social, sem capital cultural, sem capital simbólico, sem capital político, como diz Bourdieu (BOURDIEU, 2000) para poder ingressar no campo da Política Institucional, principalmente por conta do “ascetismo de rejeição do mundo”, como diz Rudi (RUDI, 2006), que os afastavam de várias atividades que eles chamavam de “atividades mundanas”, “profanas”, “seculares”, inclusive do campo da Política Partidária.

Durante a onda do protestantismo histórico na política houve 13 deputados federais representando os evangélicos na arena parlamentar. Os políticos dessa onda apoiaram abertamente o regime militar de 1964.

Os evangélicos pentecostais, por sua vez, continuaram afastados do campo da Política Institucional. Entretanto, algumas denominações protestantes históricas resistiram fortemente ao Golpe Militar de 1964 e a forma de governo estabelecido.

A Igreja Metodista e a Igreja Luterana são exemplos de igrejas protestantes históricas que apresentaram uma forte resistência ao “Golpe dos Milicos”, ao passo que a Igreja Presbiteriana Independente forneceu muitos de seus membros para compor os quadros do “governo revolucionário” que, segundo Barroso (BARROSO, 1992), não foi um governo revolucionário, mas contra-revolucionário, pois, segundo ele, o golpe militar não representou um rompimento com a ordem institucional reinante até 1964.

Portanto, Barroso (BARROSO, 1992) afirma que:

(...) do ponto de vista da ciência política e da filosofia, uma revolução se caracteriza pela ruptura de uma determinada ordem institucional, com a radical transformação da estrutura política e econômica; e, num sentido ainda mais profundo, com a inversão das forças sociais predominantes. E, a toda evidência, tal não se verificou a partir de 1964. Antes pelo contrário, sintomas de movimento revolucionário poderiam ser detectados, ainda que de forma difusa, na atuação do governo então deposto. (BARROSO, 1992:33).

“Segundo Freston (FREESTON, 1999), de 1946 a 1987, 50 protestantes tomaram posse no Governo Federal que Moraes (MORAES, 1987) chamou de “governo contra-revolucionário”, mas que os militares gostavam de chamar de governo da Revolução de 64”, como enfatiza o próprio Moraes (MORAES, 1987) quando afirma o golpe articulado e efetuado pelo exército foi claramente um golpe contra-revolucionário.

Freston (FREESTON, 1994) divide a nomeação dos políticos protestantes pelo Governo Militar contra-revolucionário em três fases. Vejamos:

A primeira fase foi de 1956 a 1951 e era formada por metodistas.

A segunda fase foi de 1951 a 1975, formada de presbiterianos. E a terceira fase foi de 1965 a 1978, formada por batistas.

O ingresso dos pentecostais na Política Institucional se deu com dois deputados da Igreja Brasil para Cristo. Esses dois deputados cumpriram dois mandatos permanecendo até 1974 no Poder.

As eleições de 1982 possuíam candidatos evangélicos em diversos estados e filiados a diferentes partidos, como, por exemplo, PT, PDT e PDS.

Com o passar do tempo, conforme os protestantes foram ingressando na Política Partidária, as próprias igrejas foram mudando os bordões da relação de seus membros com a Política Institucional.

A participação política que era condenada pelos líderes religiosos evangélicos pentecostais e vista com muita desconfiança dos membros das diversas denominações passou a ser vista como uma atividade necessária para que as igrejas pudessem se posicionar frente às dificuldades e pressões do mundo secular, além das novas oportunidades de propagar com mais eficiência o Evangelho, como, por exemplo, a concessão de meios de comunicação de massa para levar as mensagens bíblicas ao povo e avançar no proselitismo, conquistando, assim, como eles mesmos costumavam (e ainda costumam dizer): “mais almas para Cristo”.

Depois do advento do processo de abertura democrática, a chamada “abertura lenta e gradual”, arquitetada por Geisel (e tendo como engenheiro institucional o cientista político norte-americano Samuel Huntington, autor de *The third wave: democratization in the late twentieth century.*), surge uma grande oportunidade dos brasileiros voltarem a eleger seus representantes pelo voto direto, o chamado sufrágio universal, para a Câmara dos Deputados, para o Senado, para as Assembléias Legislativas e etc.

Essa oportunidade aberta pelo processo de redemocratização da Política Institucional no Brasil foi muito bem aproveitada pela Igreja pentecostal Assembléia de Deus que ingressou com toda força no campo da Política selecionando candidatos em todas as suas convenções estaduais.

Segundo Campos foram os seguintes fatores que levaram os evangélicos à participação no campo da Política Institucional:

“(...) essa nova geração de políticos evangélicos nasceu em um contexto de explosivo crescimento pentecostal no Brasil, o que fez com que os evangélicos pentecostais saíssem do território marginalizado em que se situavam, para assumirem uma atuação mais sistemática e calculista tanto no espaço público como no espaço político”. (CAMPOS, 2005).

É importante observar que Baptista (BAPTISTA, 2009) ressalta que os evangélicos, antes de ingressarem com ousadia na Política Institucional, se encontravam em uma condição marginalizada.

Quando estudamos a obra de Goffman sobre o estigma passamos a compreender bem o significado das afirmações que autores, como, por exemplo, Baptista (BAPTISTA, 2008), Rudi (RUDI, 2006) e Mafra (MAFRA, 2001), fazem quando aborda *un passant* o problema dos preconceitos sofridos pelos evangélicos quando esses autores utilizam termos como “território marginalizado” e “ascetismo de rejeição do mundo”.

O que nos intriga ao estudar os evangélicos é que a visão de mundo deles os levou a sair do “território marginalizado”, do “Ascetismo de rejeição do mundo” para a conquista do mundo através do acúmulo de meios de comunicação, poder político, poder religioso e poder econômico enquanto atores coletivos e enquanto atores individuais, embora vários autores, assim como os comentários de senso comum, especialmente nos meios de comunicação de massa identifiquem os evangélicos com as camadas mais pobres da sociedade brasileira, o que é fato empírico para a maior parcela dos evangélicos, mas não para a totalidade, enfim, acúmulo dos diversos tipos de capital simbólico de que nos fala Bourdieu (BOURDIEU, 2000).

Segundo Medeiros (MEDEIROS, 2006), a variável que mais interfere no processo de prosperidade econômica das pessoas no Brasil (o aumento da renda e a ascensão social por meio do enriquecimento) não é a variável grau de escolaridade, embora esse mesmo autor ressalte que para cada oito anos a mais de estudos formais

uma pessoa consegue obter ganhos em termos salariais de 40 anos em sua vida economicamente ativa, mas o poder político é que garante a prosperidade de fato.

1. 3. A “Bancada Evangélica” e a Constituinte de 1988

A chamada bancada evangélica apareceu pela primeira vez durante os trabalhos parlamentares da Assembléia Constituinte de 1988 e contava com 32 parlamentares que estavam filiados aos mais variados partidos do espectro político-ideológico daquela época ocupando os mais distintos pontos do espectro indo da esquerda para a direita e, ao mesmo, tempo, formando uma coalizão suprapartidária que em muitos momentos funcionou como um partido com elevado grau de coesão.

Em 2003, foi criada a “Frente Parlamentar Evangélica”, constituindo-se em uma das maiores bancadas suprapartidárias do Congresso Nacional que, na realidade, tem o objetivo de atuar como um partido coeso no que concerne aos interesses de milhares de igrejas representadas por esses parlamentares.

Campos quando trata da primeira experiência de participação política dos evangélicos ressalta a transformação de capital que eles operaram para conquistar capital político nos remetendo outra vez ao conceito de capital de Bourdieu (BOURDIEU, 2000).

Campos afirma que “a maioria desses políticos (...) foi eleita em função da transformação do capital econômico em capital político, o qual foi sendo acumulado por suas famílias ou por eles mesmos, por meio de prática de profissões liberais como médicos, advogados ou engenheiros”. (CAMPOS, 2005).

A literatura mostra, todavia, que a situação relativa à participação dos chamados “políticos de Cristo”, grupo político formado basicamente por evangélicos pentecostais e neopentecostais, difere bastante dos políticos da geração do protestantismo histórico, pois essa nova geração de políticos mantém uma relação estreita com as igrejas das quais se originaram tendo-as como seu verdadeiro *Pork Barrel*, como diz Scott Mainwaring (MAINWARING, 1991).

O que Baptista chama de corporativismo (BAPTISTA, 2009), Campos salienta que ainda não existia no contexto da participação na Política Institucional dos protestantes da geração do protestantismo histórico que ingressou a partir da década de 1930 na Política Partidária para exercer cargos legislativos e cargos executivos. (Campos, 2005).

Campos argumenta que “não havia ainda (...) estratégias corporativas, que, fundamentalmente em condições objetivas, pudessem levar os evangélicos a transformarem o capital religioso em capital político”. (2005).

Para muitos autores da literatura recente que aborda o problema da representação dos evangélicos no Congresso Nacional por meio da bancada evangélica, os parlamentares evangélicos agem de forma corporativista e praticam a mesma política eivada de fisiologismo que os políticos brasileiros não-evangélicos praticam desde sempre.

2. A Igreja Internacional da Graça e a Política Institucional: da Não-Participação Política à Participação que inaugurou um novo Paradigma de Persuasão Eleitoral

Fundada por Romildo Ribeiro Soares após se separar do seu cunhado e pastor Edir Macedo, hoje Bispo Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus está presente em todos os estados brasileiros e mantém diversos meios de comunicação. O pastor Romildo Ribeiro Soares que adotou o nome de R. R. Soares para se diferenciar de outro pastor que possuía o mesmo nome é hoje o homem que mais aparece na televisão brasileira.

Mais tarde, o Pastor R. R. Soares passou a se chamar Missionário R. R. Soares, nome pelo qual é chamado até os dias de hoje.

Apesar de a Igreja liderada pelo Missionário Soares ter crescido bastante e angariado muito capital simbólico, inclusive dentre os políticos profissionais, ele manteve a denominação afastada da Política Institucional por quase todos esses 20 anos de existência. Somente durante a campanha eleitoral de 2002 que a Igreja da Graça, como muitos chamam carinhosamente, decidiu selecionar candidatos de sua confiança e lançá-los para as eleições daquele ano.

Nossos estudos abordou as eleições de 2006 aqui no estado de São Paulo onde a Igreja lançou dois candidatos: um foi o Jorge Tadeu Mudalem, à época vereador na capital, e André Soares, filho do missionário que ainda não tinha ocupado cargos públicos.

Ambos foram eleitos, o primeiro a deputado federal, e o segundo, a deputado estadual. Eu acompanhei toda a campanha dos dois candidatos em comento e a partir de então pensei em elaborar uma pesquisa acadêmica para testar algumas hipóteses que levantei durante a campanha e durante as eleições de 2006.

Após a campanha, as eleições e a pesquisa, eu defendo a tese de que o capital social do missionário R. R. Soares aliado ao capital social dos seus liderados nas Sedes Regionais, os diversos recursos que a organização religiosa presidida por ele, ou seja, a Igreja Internacional da Graça, considerando principalmente o fato dela dominar vários meios de comunicação mantendo programas com o missionário em horários nobres da TV brasileira influencia os eleitores, não só os que pertencem à supracitada organização, mas inclusive os freqüentadores dela e aqueles que os membros dela conseguem alcançar e convencer a votar nos “candidatos da igreja”.

Ao analisarmos as notícias que a mídia, especialmente a mídia do tipo internet, veicula sobre as ações do missionário R. R. Soares, podemos notar o admirável capital simbólico de que ele dispõe diante de uma variedade enorme de cidadãos brasileiros e até do exterior, incluindo milhares de autoridades políticas e demais tipos de autoridade, como, por exemplo, pessoas que ocupam cargos nas burocracias dos estados, municípios e do Executivo Federal.

A notícia do site citado abaixo é um exemplo disso que estou afirmando. Ela mostra autoridades elogiando o Missionário Soares e exaltando o seu trabalho pelo país. Vejamos um trecho de uma reportagem falando de uma visita do missionário R. R. Soares em Rondônia:

O chefe da Casa Civil do Governo do Estado, Joarez Jardim (o Jorjão do Oxigênio), a ex-diretora do Detran, Jaqueline Cassol, o diretor do Hospital de Base médico Amado Rahhal, pastores e membros da Igreja Internacional da Graça, receberam no sábado passado o presidente da organização religiosa pastor RR Soares, que veio a Rondônia para realizar uma série de conferências.

RR Soares, fundador da Igreja Internacional da Graça, já expandiu o seu trabalho missionário para sete países da América do Sul, Europa, Ásia e Estados Unidos.

Joarez Jardim declarou que o trabalho do missionário RR Soares é notório em todo o país, pela grande contribuição que tem dado na consolidação de uma sociedade humana, justa e saudável. “O trabalho espiritual tem ajudado muita gente que estava com problemas, como dependência química, álcool, cigarro e drogas) a se libertar desse pesadelo”, completou. (RR Soares, fundador da Igreja Internacional da Graça é recebido com festa em Rondônia, acesso em 18/09/2009).

Em artigos na revista Graça, meio de comunicação da Igreja internacional da Graça, o Missionário Soares fala sobre os motivos pelos quais decidiu que a sua igreja

deveria lançar ou apoiar candidatos de sua confiança nas eleições participando ativamente com todas as suas forças no jogo da política institucional brasileira. Nesses artigos em comento, assim como durante as suas falas com os seus “amigos”, que é como ele costuma chamar as pessoas com quem conversas pelo Brasil afora, o Missionário Soares sempre enfatiza a necessidade de o “Povo de Deus”, ter seus representantes na Política Institucional devido ao fato de que, segundo ele, se os cristãos não ocuparem espaços na política, os não-cristãos ocuparão tais espaços, e os cristãos ficarão sob o jugo, a dominação, como diz Weber (WEBER,1991) e Bourdieu (BOURDIEU, 2000), de pessoas que não respeitarão os direitos dos cristãos.

O Missionário Soares recorre aos personagens bíblicos para demonstrar que dentre o povo de Deus sempre houve políticos, como, por exemplo, Moisés, José, Davi e Salomão, e que os candidatos que a igreja deve escolher têm de ser fiéis aos propósitos de Deus e da igreja como tais personagens foram por muito tempo. Eu elaborei um questionário e o apliquei ao missionário durante uma entrevista e o resultado se encontra gravado em áudio e vídeo e disponível para apresentação. Vejamos agora alguns trechos da entrevista:

Júlio: Missionário, nós sabemos que agora temos o período de eleições, a gente sempre entra neste assunto, acho que as pessoas, grandes líderes de opinião pública até tem a sua “opinião própria”, e quando a gente fala em religião e política, qual é a opinião do senhor?

R.R Soares: Eu acho o seguinte: A pessoa que é religiosa, eu não sou religioso, sou um praticante da palavra, ela deve acordar que ela é cidadã acima de tudo, e esse negócio de anula voto, não vota, vota em branco, isso é coisa do capeta. Mas todo mundo devemos expressar nossa opinião. Tem uma gama de pessoas boas candidatas. O Estado de São Paulo é um Estado cheio de pessoas maravilhosas capacitadas, e a pessoa escolhe aquela que ela acha que não vai muito com o ideal dela, ela deixa de lado, aquela que vai com o ideal, mas é esta pessoa que gostaria, ela pensa como eu, ela faria lá o que eu faria, então, nessa pessoa, o nosso amigo telespectador deve depositar o voto.

Como podemos verificar a partir da leitura do excerto acima, o Missionário Soares ressalta a responsabilidade do crente de cumprir com seus deveres e gozar de seus direitos políticos não anulando o voto, não votando em branco, não se abstendo de suas obrigações de cidadão. O Missionário salienta que existem pessoas cujo comportamento eleitoral é baseado em ideais, e ele se inclui no grupo de tais pessoas gerando uma idéia

de identidade comum entre ele e aquele tipo de pessoa quando diz que há pessoas que pensam como ele pensa e que elas fariam no poder o mesmo que ele faria.

Contudo, no que concerne ao objetivo dessa pesquisa, a fala mais importante é a que se encontra na última linha da citação acima, ou seja, quando o Missionário afirma que o “amigo telespectador” deve votar naquele tipo de pessoa que, na verdade, seria sempre aquela que ele indicaria aos eleitores fiéis como a pessoa de sua confiança para o cargo público ao qual ela concorre.

Isso fica bem claro também em uma fala dele em Bauru (e repetida em todas as outras seis sedes regionais no Estado de São Paulo) em que ele busca convencer os fiéis para que eles sigam as suas orientações convencendo, cada um deles, a votar nos candidatos a deputado André Soares e Jorge Tadeu, respectivamente.

Julio: Missionário, a gente sabe do grande poder que tem a mídia, a igreja se preocupa em passar para o membro essa noção política, há essa preocupação?

R.R. Soares: Não, nós passamos. A igreja deve se preocupar, em pregar o evangelho, a boa notícia do reino dos céus. Mas como cidadão a gente dá aquela palhiazinha, não deixa, não se omite. Por que é muito importante, tanto a pessoa que é da igreja como aquela que não é da igreja. Em tão a pessoa que tem assim. São seguimentos que existe na sociedade, a pessoa vê aquele cidadão é uma pessoa que pensa como ele, que é uma pessoa que está junto com ele, que ele faria aquilo que o cidadão se propõe a fazer. Então nesta pessoa ela deve escolher deve votar, lógico, aquela pessoa que gasta rios de dinheiro, que é famosa porque ela quer ser um deputado estadual, federal ou mesmo senador, se ela tem tanto dinheiro, ela vai fazer o que, ela vai reaver aquele dinheiro, não vai reaver com o salário não chega a essas coisas, é até um salário modesto. Então a pessoa deve buscar aquela de ideal, aquela pessoa que diz: “não este realmente tem feito alguma coisa pro meu povo”, ou propõe a fazer para aquele povo, é aquele mesmo ideal que eu tenho, então, nesta eu vou votar.

Na citação acima, o missionário responde a minha pergunta sobre a importância da mídia de massa fazendo praticamente as mesmas considerações que ele fez na citação anterior quando falou das obrigações dos eleitores crentes relativas aos seus deveres e direitos civis. Ao afirmar:

Mas como cidadão a gente dá aquela palhiazinha, não deixa, não se omite. Por que é muito importante, tanto a pessoa que é da igreja como aquela que não é da igreja. Em tão a pessoa que tem assim. São seguimentos que existe na sociedade, a pessoa vê aquele cidadão é uma pessoa que pensa como ele, que é uma pessoa que está junto com ele, que ele faria aquilo que o cidadão se propõe a fazer. Então nesta pessoa ela deve escolher, deve votar (...)

R. R. Soares reafirma o seu objetivo de influenciar o comportamento eleitoral dos crentes e, inclusive dos não-crentes, pois ele enfatiza que, tanto crentes como não-crentes, têm a responsabilidade de cumprir obrigações referentes à participação política, ao comportamento político-eleitoral. No que concerne ao comportamento político-eleitoral, especialmente no que se refere à escolha de um candidato ideal, o Missionário responde minha pergunta, como segue abaixo logo após a pergunta:

Julio: Missionário, o senhor acha importante o eleitor ter essa relação, que até na própria bíblia cita alguns grandes líderes, que devem ter esta conduta, o senhor acha que o membro não deva votar em sinal de protesto, e sim, definir o candidato ideal.

R.R. Na bíblia sagrada a gente encontra pessoas que foram políticas e que serviram a deus isso é perfeitamente possível hoje. Infelizmente se passa idéia que a política é uma coisa muito nojenta muito suja. Tem pessoas que fazem da política algo nojento algo suja. Como disse a pessoa que gasta rio de dinheiro o que ela tem? Talvez um propósito escuso atrás da tal despesa que ela faz. Você corre o estado de norte a sul, de leste a oeste só vê propagando de alguns candidatos, mas come essa pessoa consegue tanto dinheiro tanto recurso para fazer isso. Agora ninguém deve se omitir vota de protesto não, vou vota consciente vou vota naquele que eu acho que aquele faria aquilo que gostasse que fosse feito, ou se aproxima daquilo que gostaria e assim que as pessoas devem votar. Agora nos ensinamos que antes de tudo o filho de Deus deve ser um bom cidadão, não só na hora de votar, mas na hora que está na condução quando alguém pisa no pé dele, ele então não deve revida deve perdoar aquele que vai no trânsito se alguém lhe dá uma fechada, ele não deve persegui dando uma fechada. É que às vezes a pessoa está tão chateada na vida que comete alguns deslizes nos que somos de Deus devemos dá uma boa ajuda uma boa palavra a está pessoa.

No que diz respeito à forma de recrutamento de pessoas para serem os “candidatos da igreja”, eu perguntei ao Missionário se há algum critério para a escolha dos políticos para representar a Igreja? E ele respondeu que:

R.R.: Na igreja nos procuramos ver aquela pessoa, primeiro que é honesta né? Que tem um passado limpo, porque o passado recomenda. Agente sabe disso, quem é useiro vezeiro em fazer o mal vai continuar fazendo o mal, então, a gente procura isso o que? No caso do Tadeu, por exemplo, foi um homem que nos ajudou muito na formação da RIT o André é responsável pelo Show da Fé e por isso a gente tenta passar para a pessoa esse entendimento e olha graças a Deus no estado de São Paulo a gente tem muitos amigos. Eu, então, sou uma pessoa que estou na rua sou abraçado passo entro no restaurante a pessoa vem fala comigo desde o atendente até aquela pessoa que está comendo, e eu jamais apresentaria uma pessoa que não fosse boa gente, que diz, a gente tem o compromisso de luta nos temos nosso alvo nos temos o objetivo, e tenho certeza que nos vamos conseguir esse objetivo. Nosso caso temos centenas de milhares de amigos que estão do nosso lado, pronto a dar a vida se for necessário, e porque não também

nos ajudaram em todas caminhada que “tamos”, que temos proposto que é próprio para ajuda a expansão do reino do céu.

Note ao final da resposta do Missionário como ele se expressa sobre o capital simbólico que ele detém junto as suas centenas de milhares de amigos que estão do seu lado.

No que diz respeito à fidelidade do eleitor evangélico em relação ao voto nos “candidatos da igreja”, eu perguntei o seguinte a R. R. Soares: “Julio: Missionário, a fidelidade religiosa, esse acompanhamento, até essa organização que a comunidade (diga-se Igreja) tem em si, é a grande arma dos candidatos?”

E o missionário respondeu que:

R.R.: Não, eu não sei dos candidatos em si, os candidatos eles vem com a proposta e o povo apóia por causa da proposta maior, agora a fidelidade do nosso povo é tremenda, porque, a gente não trata com pessoas que torcem por um time de futebol e depois muda para outro, nos tratamos com pessoa que estavam perturbadas, desesperadas, aflitas e arruinadas e que ouviram palavra de Deus e que se transformaram, então elas têm assim tipo uma gratidão, e isso pesa muito, e nos continuamos dando nossa vida. Eu por exemplo comecei cedo a pregar o evangelho, nos meu vinte e poucos anos, já estou com 58, eu gastei a minha vida em favor do povo, é natural que eu chego no lugar às pessoas vem me abraça e conta de lindo testemunho era uma noite que não dormia assistia o programa passou a dormi, era uma dor que não sai a dor foi embora era um problema que era insolúvel nos oramos Deus deu a solução, realmente o povo fica feliz e ao mesmo tempo fiel porque nos temos o mesmo ideal, nós tamos trilhando esta mesma trilha, e aí é lógico, né? Quem é amigo é amigo para sempre.

É muito importante notarmos a última fala do Missionário ao final da citação acima: “Quem é amigo é amigo para sempre”. Ela revela tanto fidelidade quanto capital simbólico.

O primeiro conceito faz parte da minha pergunta sobre o comportamento político-eleitoral dos fiéis e o segundo é um conceito muito importante na nossa pesquisa que tem Bourdieu (BOURDIEU, 2000) como referência sociológica.

Por falar em amigo e em capital simbólico, vejamos o que o Missionário diz quando me responde uma pergunta sobre o papel dos políticos da Igreja Internacional da Graça no que concerne à manutenção da TV RIT, canal de televisão da igreja:

Julio: Missionário sempre que o senhor tem a oportunidade o senhor fala da importância, né? Da eleição dos candidatos, dos candidatos da

igreja, principalmente para a manutenção da emissora de televisão da RIT.

R.R. Mas, diga-se de passagem, no púlpito jamais falo agora fora do púlpito eu sou um cidadão como outro qualquer, então se encontro uma pessoa na rua ou um grupo de pessoas e eu falo e sou muito acatado na hora, não missionário o senhor pode ter certeza alguém “do céu” nem sabia disso, mas eu vou me multiplica por dez. Então fora do púlpito eu sou um cidadão normal. Agora a li não, ali eu represento o reino do céu, que esta muito acima dessas vontades políticas partidárias e que deve continua sempre assim. Agora com esse amigo que eu tenho e quando eles descobrem é um tão de um fala eu vou arranja meu marido, vou arranja minha mulher, meu tio, minha tia, meu colega, meu amigo e graças a Deus essa multiplicação na promessa tem sido grande, eu espero que ela se concretize.

Ainda sobre os ‘candidatos da igreja’ e as eleições de 2006:

Julio: Missionário, a gente sabe que as comunidades (igrejas, sindicatos, organiza;coes, associações, etc) tem seus candidatos, a gente sabe que a igreja da graça também tem seus candidatos que sempre trabalharam para Igreja.

R.R.: Eu não posso fazer aqui propaganda como gostaria, nós temos o Jorge Tadeu que é candidato a federal, o André Soares que é estadual, mas eu não vou fazer propaganda aqui, a pessoa que julgue. Agora é aquilo que digo, veja o trabalho e vai firme, porque realmente a gente não deve misturar as coisas, eu também não misturo, no púlpito, então, eu jamais falaria, aquele é um altar sagrado, agora que a gente deve também expressar para tantas pessoas que conhecermos que são nossas conhecidas que ainda não tomaram a decisão, fala só: ‘essa pessoa aqui é boa, vamos votar nela, sem apontar o dedo para uma pessoa se quer.

Por falar em propaganda (mas sem deixar de falar de amigo), um dos recursos de propaganda que a Igreja Internacional da Graça utilizou na figura do Missionário R. R. Soares como ferramenta de persuasão eleitoral na campanha de André Soares para deputado estadual e na campanha de Jorge Tadeu para deputado federal, em 2006, foi uma carta endereçada aos telespectadores do programa Show da Fé, programa que o missionário R. R. Soares apresenta em vários canais de TV no Brasil.

A tal carta começa assim: ‘Prezado irmão e amigo do Show da Fé, A paz de Cristo Jesus, nosso Senhor!’

Depois de falar sobre a grande audiência do supracitado programa de TV, inclusive no exterior, o missionário R. R. Soares aborda o problema da “importância das próximas eleições”, afirmando que:

Aproveito a oportunidade também para ressaltar a importância das próximas eleições. Você, que tem participado de nossa dedicação em levar ao Brasil uma programação séria e de qualidade, merece a opção de escolha de deputados que, acima de tudo, respeitem a palavra de Deus e desempenhem bem suas obrigações na Assembléia Legislativa. Por isso, gostaria de indicar-lhe os seguintes candidatos: 1. Jorge Tadeu, candidato a DEPUTADO FEDERAL, foi esse irmão guerreiro quem nos ajudou a pôr a RIT no satélite das parabólicas e a conseguir que todas as repetidoras que temos em nosso país. Atualmente, ele é vereador pela cidade de São Paulo e tem dado prova de honestidade e temor ao Senhor. O número dele é 2500.

2. André Soares, candidato a DEPUTADO ESTADUAL. Ele é meu segundo filho, é advogado e teólogo (formado pela escola Christ for the nation, Dalls, Texas, EUA). Preparei meus cinco filhos para serem como “braços direitos” em meu ministério, e André, especificamente, tem-me auxiliado na produção do Show da Fé, no qual ocupa o cargo de diretor, sendo o responsável pela edição do programa. O número dele é 25005. (Carta do Missionário aos amigos do Show da Fé, 2006).

Esse excerto da carta em tela se encontra no final da mesma. Essa forma de abordar a relevância das eleições é uma medida estratégica de persuasão eleitoral, pois o Missionário Soares deixou para abordar no final da carta a sua principal mensagem ao membro e eleitor.

A distribuição desse tipo de correspondência, melhor dito, de propaganda eleitoral é de responsabilidade das lideranças das sedes regionais e seus liderados nas cidades que correspondem a cada regional. Tais lideranças seguem as orientações do Missionário Soares.

3. Análise dos Dados dos Eleitores da Igreja Internacional da Graça

Nessa seção, o objetivo é apresentar e analisar os resultados relativos aos dados dos eleitores e também as respostas concernentes as suas opiniões sobre a participação da Igreja Internacional da Graça na Política Institucional que obtivemos deles por meio de um questionário que aplicamos na igreja, o qual foi respondido por 395 eleitores mulheres e 395 eleitores homens.

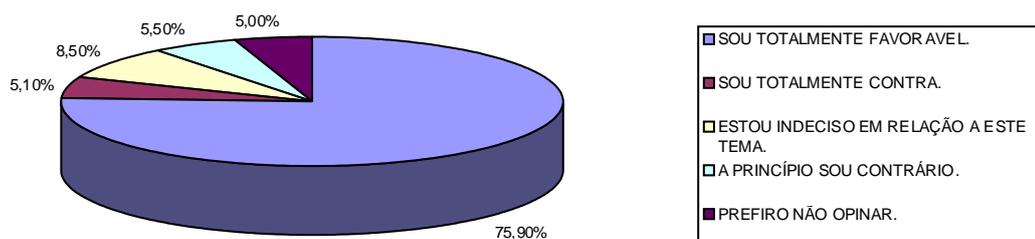
A primeira questão é a de se o membro fiel acha que Igreja da Graça tem que ter representante político. A segunda questão é diz respeito a visão do membro sobre a participação política da igreja (igreja como instituição). A terceira questão é se o membro segue as orientações dos pastores, isto, dos líderes locais da igreja, no que concerne ao ato de votar nos candidatos indicados pelo Missionário. A quarta questão é se os membros eleitores buscam votos fora da igreja. A quinta questão é se os membros

analisam os candidatos da igreja ou se eles seguem as orientações dos pastores sem analisar os candidatos e a sexta questão é se o membro eleitor votaria em qualquer pessoa indicada pelo missionário R. R. Soares.

Vejamos alguns resultados referentes a algumas destas indagações:

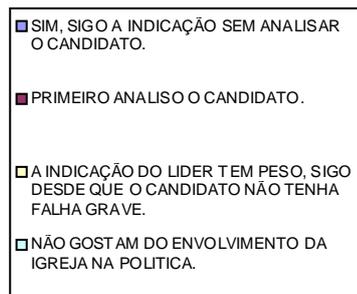
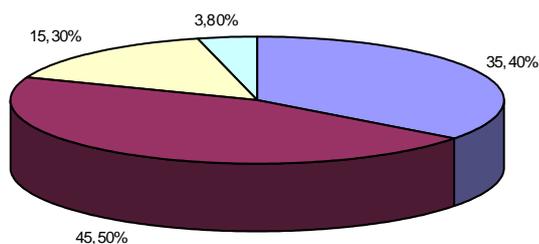
A Igreja tem que ter representante político?

75,9% dos entrevistados são completamente a favor, já 6,32% são totalmente contra. As pessoas que se declararam contra somam 5,06%; os indecisos 5,0% e os que são a favor totalizam 3%. O dado mais relevante é o alto índice de aceitação dos entrevistados em relação à questão de a igreja ter representante na política – quase 76%.



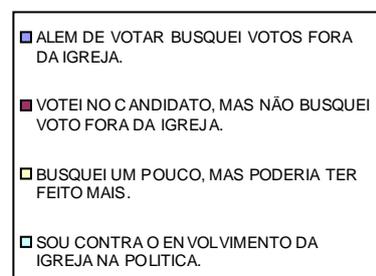
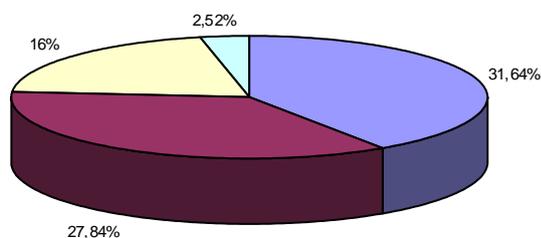
Você segue totalmente a indicação de voto do líder da igreja?

O interessante dos resultados do questionário é que dos entrevistados 35,4% dos entrevistados seguem as orientações do seu líder sem analisar o candidato indicado; 45,5% analisam primeiro o candidato para depois tomar sua decisão; 15,3% afirmaram que a indicação do líder religioso no caso, seu pastor, tem uma grande influência e que só deixariam de votar no candidato se ele tivesse cometido uma falha grave, já os 3,8% finais não gostam do envolvimento da igreja com a política.



Você busca voto para o candidato da igreja?

O número de entrevistados que buscaram votos fora da igreja somou 31,64%; o número daqueles que disseram que votaram, mas não buscaram votos somou 27,84%; aqueles que disseram que buscaram alguns votos, mas poderiam ter feito mais para conquistar votos totalizaram 16,0%; já aqueles que se mostraram totalmente contrários à política dentro e fora da igreja somaram 2,52%.



Considerações Finais

A título de conclusão, pode-se afirmar que, de fato, há uma forte relação entre a influência do líder religioso e o comportamento dos membros da Igreja Internacional da Graça de Deus, de modo que há uma tendência fortemente acentuada dos membros-eleitores seguirem as orientações dos líderes religiosos no momento da decisão do voto.

Pode-se concluir também que a forma como os líderes estão divididos formando as Sedes Regionais influenciam bastante como modelo de organização institucional interferindo de forma favorável no processo de persuasão eleitoral em prol dos “candidatos da igreja”.

Constatamos ainda que a intenção de voto pode ser definida conforme os discursos proferidos, e que há uma transformação de uma parcela considerável de membros em militantes fervorosos em favor dos candidatos indicados pelas lideranças da Igreja, tanto é que os candidatos da Igreja a deputado estadual e federal, Andre Soares e Jorge Tadeu, foram eleitos em 2006. (e com votações expressivas).

Durante as campanhas tais membros cumpriram um papel muito importante devido ao fato de que eles auxiliaram a Igreja a conquistar os votos dos eleitores que não freqüentavam a Igreja Internacional da Graça de Deus. É importante salientar também que verificamos que há um modelo segundo o qual a cúpula da Igreja avalia e escolhe seus candidatos.

Esse modelo é baseado nos princípios éticos e morais que as lideranças da igreja julgam necessários àqueles que se ocupam do exercício da representação política corroborando com a afirmação de Habermas (HABERMAS, 2004) de que a religião é importante (nesse caso, para a política em específico, e para a sociedade em geral) porque ela é uma esfera da sociedade capaz de gerar conteúdo ético.

Durante a pesquisa, verificamos se há estudos realizados sobre a Igreja Internacional da Graça e se eles deixaram lacunas nas suas explicações e constatamos que os estudos até agora realizados sobre essa instituição quando não só abordam superficialmente as questões da igreja, simplesmente focalizam aspectos sociológicos ou antropológicos que não dizem respeito ao meu tema em específico justificando, portanto, meu interesse pela pesquisa nos moldes que propomos, desde o início, posto que o tema que eu escolhi é inédito pelo fato de nenhum autor ter estudado ainda a influência das lideranças das Sedes Regionais paulistas da Igreja internacional da Graça sobre os eleitores das igrejas que estão sob a liderança do Missionário R. R. Soares.

O interesse em analisar a atuação das lideranças religiosas (e por vezes políticas) das sedes regionais da Igreja Internacional da Graça no Estado de São Paulo se dá devido à importância de estudar uma forma inovadora de persuasão eleitoral na qual é inaugurado um novo paradigma de fazer política nas igrejas evangélicas no Brasil utilizando o marketing político através dos meios de comunicação de massa com apelos baseados em argumentos, ora de ordem cosmológica, ora, de ordem política para

conquistar votos e promover a escolha de representantes que se propõem a exercer mandatos e outros cargos públicos em defesa da sociedade em geral e da Igreja em específico.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo. A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico. Terceiro Nome. São Paulo, 2009.

BARROS, Marcos. Pentecostais e Neopentecostais na Política Brasileira. Disponível em: <<http://www.cebi.org.br/noticia.php?secaoId=10¬iciaId=129>> acesso em: 21/ago/2009

BARROSO, Luís Roberto, “O Direito Constitucional e a Efetividade de Suas Normas”, Rio de Janeiro, Renovar, 1992.

BORGES, Tiago Daher Padovezi. Representação Partidária e a Presença dos Evangélicos na Política Brasileira. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2007.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Difel, São Paulo, 2000.

BAPTISTA, Saulo. Pentecostais e neopentecostais na política brasileira: Um estudo sobre cultura política, estado e atores coletivos religiosos no Brasil. *Annablume*. São Paulo, 2008.

CAIN, Bruce E., FERREJOHN, John e FIORINA, Morris. (1987), *The Personal Vote: Constituency Service and Electoral Service*. Cambridge, Harvard University Press.

CAMPOS. Leonildo Silveira. Teatro, tempo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. São Paulo. UNESP, 1997.

-----“De Políticos de Cristo – uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil”. In: Burity, Joanildo; MACHADO, Maria das Dores (org). Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil. Massangana. Recife, 2005.

CONDE, Miguel. Entrevista com Ronaldo Almeida sobre seu livro *A Igreja Universal e seus Demônios: um estudo etnográfico*.

Disponível em: < http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/post.asp?t=a-igreja-universal-seus-demonios-por-ronaldo-de-almeida&cod_post=189413> Acesso em 20/ago/2009

DAHL, Robert. *Poliarquia: Participação e Oposição*. Edusp. São Paulo, 1997

DOWNS, Anthony. *Uma Teoria Econômica da Democracia*. EdUSP. São Paulo, 1999.

ELSTER, Jon, BECKER, Garry HARSANYI, John (1996). *Rational Choice*. New York: New York University.

ESTUDO ELEITORAL BRASILEIRO. 2002.

FERRARI, Odêmio. *Bispo S/A: a Igreja Universal e o exercício do poder*. Ave-Maria. São Paulo, 2007.

FIGUEREDO, Rubens (2002). *Marketing Político e Persuasão Eleitoral*. Konrad.

FRESTON, Paul (1993). *Protestantes e Política no Brasil: Da Constituinte ao impeachment*. Campinas.

GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 4 edição. Atlas. São Paulo, 2009.

GOFFMAN, Erwin. *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. Prentice-Hall. 1963.

-----As Representações do Eu na Vida Cotidiana. Books edition. Edinburgh. 1959.

HUNTINGTON, Samuel. *The third wave: democratization in the late twentieth century*. Norman: University of Oklahoma Press, 1991.

IBGE. *Censo Demográfico 2000*, Brasília: IBGE, 2000.

MAFRA, Clara. Os Evangélicos. Rio de Janeiro. Zahar. 2001.

MORAES, João Quartim, “O Argumento da Força”, In: OLIVEIRA, Eliezer Rizzo de et, ali, “As Forças Armadas no Brasil”, Rio de Janeiro, Espaço e Tempo, 1987, pág. 11-56.

RUDI, Luciana de Matos. Um Voto de Fé: Fidelização e Clientelismo Eleitoral na Bancada Evangélica Paulista. Dissertação de Mestrado, São Carlos, 2006.

HABERMAS, Jürgen. Os secularizados não devem negar potencial de verdades Religiosas a visões de mundo. Disponível em: <http://ww1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2404200507.htm>, acesso em 23/01/2008 (2004).

----- “Participação Política”, in CARDOSO, F. H. & MARTINS, C. E., “Política e Sociedade”, São Paulo, Nacional, 1983, pág. 375 a 388.

MAINWARING, Scott P. (1991), "Politicians, Parties, and Electoral Systems: Brazil in Comparative Perspective". *Comparative Politics*, vol. 24, pp. 21-43.

MEDEIROS, Marcelo. O que faz os ricos ricos. Anpocs. Caxambu, 2006.

SILVEIRA, Flavio E. A Decisão do Voto no Brasil. EDIPUC/RS. Porto Alegre, 1998.

SHUGART, Matthew S. e CAREY, John M. (1995), "Incentives to Cultivate a Personal Vote: A Rank Ordering of Electoral Formulas". *Electoral Studies*, vol. 14, nº 4, pp. 417-439.

THOMPSON, Paul (1992). *A Voz do Passado. História Oral*. Paz e Terra.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Zazar. Rio de Janeiro, 2003.

----- (1991). *Economia e Sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva*. Brasília: UnB.

VIEIRA, Washington Luís Peixoto. Blog do Vieira Disponível em: <
<http://iconacional.blogspot.com/2008/05/religio-o-pentecostalismo-catlico-e.html>>
Acesso em: 25/ago/2009

WEBGRAFIA

<http://www.revistapesquisa.fapesp.br/?art=3906&bd=1&pg=4&lg=> . Acesso em 20/07/2009

<http://iconacional.blogspot.com/2008/05/religio-o-pentecostalismo-catlico-e.html> .
Acesso em 17/09/2009

http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=716 . Acesso em 18/09/2009

<http://noticias.gospelmais.com.br/anfiteatro-de-porto-alegre-foi-palco-de-comemoracao-de-40-anos-da-igreja-internacional-da-graca.html> . Acesso em 18/09/2009

<http://noticias.gospelmais.com.br/rr-soares-fundador-da-igreja-internacional-da-graca-e-recebido-com-festa-em-rondonia.html> . Acesso em 18/09/2009

<http://www.ongrace.com/NP/novoongrace/novoindex.html> . Acesso em 18/09/2009